

Oficina de construção de jogos e brinquedos de sucata: ampliando espaços de aprendizado, criação e convivência para pessoas em situação de vulnerabilidade social*

A workshop of creation games and toys of scrap with: amplifying spaces of learning, creation and relationship for people in social vulnerability context

**Maria Inês Britto Brunello¹, Aryel Ken Murasaki²,
Jéssica Bortolato Gomes da Nóbrega²**

BUNELLO, M. I. B.; MURASAKI, A. K.; NÓBREGA, J. B. G. Oficina de construção de jogos e brinquedos de sucata: ampliando espaços de aprendizado, criação e convivência para pessoas em situação de vulnerabilidade social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 98-103, jan./abr. 2010.

RESUMO: o presente artigo descreve a realização de uma oficina de construção de jogos e brinquedos feitos com sucata realizada com crianças em situação de vulnerabilidade social de um bairro da cidade de São Paulo. Teve como objetivos: colocar em prática e coletivizar o conhecimento adquirido pelos estudantes da graduação em Terapia Ocupacional da USP; oferecer espaços de brincadeira e criação de objetos lúdicos feitos com sucata; propiciar trocas e interação social baseadas no respeito, cooperação e ajuda mútua; e aceitação das diferenças e conscientização ecológica. Concluiu-se que para brincar são necessários materiais acessíveis a todos (no caso a sucata); ambiente acolhedor e seguro; disponibilidade para inventar, desvendar e transformar o acabado em outras possibilidades de fazer.

DESCRITORES: Jogos e brinquedos. Sucata. Terapia ocupacional. Vulnerabilidade social.

* Projeto financiado pelo Fundo de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo. Realizado durante os meses de agosto/2009 a maio/2010

¹. Docente do curso de graduação em Terapia Ocupacional do Dpto de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP.

². Bolsistas do curso de graduação em Terapia Ocupacional do Dpto de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP.

Endereço para correspondência: Rua Cipotânea, 51 - Cidade Universitária SP - 05360-160.

APRESENTAÇÃO

A disciplina “Atividades e Recursos Terapêuticos – Atividade Lúdica” do curso de graduação em Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo vem capacitando estudantes do 2º ano a compreender e aprofundar os conhecimentos sobre o significado e a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento sadio da criança e no cotidiano de todo ser humano. Faz parte do conteúdo programático da disciplina aprender a confeccionar jogos e brinquedos feitos com sucata.

Considerando que, docentes e estudantes do curso de graduação têm importante papel social a ser desempenhado junto à sociedade, contribuindo com os conhecimentos adquiridos na academia em projetos que busquem a melhoria das condições de vida da população e transformações sociais, este trabalho objetivou colocar em prática e coletivizar o conhecimento construído em aula proporcionando espaços de experimentação de diferentes atividades, principalmente nas comunidades em situação de vulnerabilidade social.

Diante disso, propusemos realizar uma oficina de construção e criação de jogos e brinquedos feitos com sucata a crianças moradoras do bairro Jardim d’Abril da cidade de São Paulo.

A questão do lixo reciclado e da sucata em geral é, atualmente, muito explorada como tema de estudo nas escolas, comunidades, instituições, cooperativas etc., procurando trazer a discussão sobre a necessidade de ações que trabalhem no sentido da sustentabilidade. A problemática do lixo urbano se tornou de impacto mundial, assunto discutido em diversos âmbitos como econômico, social, ambiental, educacional, da saúde e político. Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos (ABETRE, 2009) são produzidos, aproximadamente 53 milhões de toneladas/ano de resíduos urbanos.

Além destas considerações, este projeto fundamentou-se, também, na relevância do processo de criação e do brincar na vida de todo ser humano. O ato criativo é um caminho para a saúde física e mental. Ele evoca o encontro consigo próprio, mas também com o outro, por isso é social, promove trocas entre os indivíduos, o que enriquece a vida subjetiva e coletiva. Como afirma Hisada (1998), viver criativamente dá ao indivíduo o sentimento de que vale a pena viver, é um passaporte para a saúde mental.

Assim, o fazer criativo e lúdico junto às crianças que participaram deste trabalho propiciou campos de aprendizagem e conhecimento, trocas e interações sociais

baseadas no respeito, cooperação e ajuda mútua, na aceitação das diferenças e conscientização ecológica e dos direitos e deveres como cidadão.

O brincar criativo

“São gestos, expressões, inflexões, declarações e imagens que se inter-relacionam, gerando um fenômeno complexo, imbricado nos modos mais íntimos de estar no mundo (...). A criança quando brinca está em estado de busca, e brincar é um estado de descobrir, indagar, escolher, recriar; é uma metáfora da criação. Diante dessa complexidade, a atividade lúdica não é simples prazer e contentamento; é também viver a tensão das escolhas, dos conflitos, dos limites; é experimentar o equilíbrio e o desequilíbrio, o contraste e o semelhante, a união e a desunião” (CARVALHO, 2005, p. 24).

Consideramos o brincar como ação espontânea, livre, propulsora de energia criativa e de experimentação do novo. Ação que surge da própria criança, onde ela pode escolher brincar disso ou daquilo, organizar os brinquedos e espaços da própria maneira e se sentir à vontade para lidar com o mundo, aprendendo aquilo que quer e interessa aprender. É nesse espaço que ela entra em ação para transformar o seu mundo. Permite o aflorar da criatividade, a comunicação com o outro e a expressão das necessidades mais profundas do ser humano (BRUNELLO, 2001). É o campo primordial do imaginário, do contato com o mundo interno (fantasia) e externo (realidade). Possibilita viver em um estado de transição entre situações concretas do cotidiano e um mundo de representações desvinculadas dos acontecimentos da vida.

O brincar é uma necessidade humana, uma atividade fundamental ao desenvolvimento e aprendizagem da criança, pois é brincando que ela pode (re)criar, (re)construir, (re)contar, (re)conhecer a si mesma e o ambiente e adquirir novas habilidades cognitivas, físicas e de participação social (SANTOS et al., 2006).

Segundo Kishimoto (2002), a infância é o momento de apropriação de imagens e representações do mundo real, que são expressivas dentro de um espaço cultural. A criança ao se confrontar e apropriar do significado dessas imagens torna-se capaz de se comunicar, socializar, trocar informações, interagir, e assim, se desenvolver, crescer e amadurecer de forma sadia. A ludicidade é uma das principais fontes de contato com a cultura e, conseqüentemente, de poder tornar-se humano. Por isso, as brincadeiras são forma de linguagem e, como toda comunicação, se constitui a partir do encontro com o outro e das interações sociais e culturais. É uma atividade predominantemente grupal, coletiva, impregnada pela convivência que coloca o sujeito

em relação e se constitui como campo propiciador de múltiplas expressões.

De acordo com Winnicott (1975), o brincar contribui para o desenvolvimento da personalidade, do vínculo, da constituição do “eu” e apropriação da cultura. Além disso, como afirma Vygotsky (1988), a criança, ao brincar, reflete sua cultura, apreende e reelabora seus valores na realidade compartilhada.

E, justamente por ser universal e natural ao ser humano, é que não deve haver barreiras para o acesso ao brincar. Conforme as terapeutas ocupacionais Caldeira e Oliver (2007), o brincar não é privilégio, mas um direito universal, garantido por lei através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), que coloca essa atividade tão importante quanto o direito à saúde, à escola, entre outros.

Procedimentos metodológicos

A oficina foi oferecida às crianças moradoras do bairro Jardim d’Abril - Butantã, São Paulo – SP, que pertence ao distrito do Rio Pequeno, na região Oeste da cidade:

“Segundo dados fornecidos pela subprefeitura do Butantã, o Distrito de Rio Pequeno caracteriza-se pela falta de infra-estrutura urbana, população com baixo índice de escolaridade, dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Tal distrito constitui a maior concentração populacional da região administrativa de Butantã, totalizando trinta por cento da população da região” (JURDI, 2009).

O índice paulista de vulnerabilidade social (IPVS) nas favelas do Jardim d’Abril é 6 que, segundo SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de dados), indicam uma vulnerabilidade muita alta e é o segundo pior da região. De acordo com a Fundação, fatores que compõem a vulnerabilidade social são:

“a fragilidade ou desproteção ante as mudanças geradas em seu entorno, o desamparo institucional dos cidadãos pelo Estado; a debilidade interna de indivíduos ou famílias para realizar mudanças necessárias a fim de aproveitar o conjunto de oportunidade que se apresenta; a insegurança permanente que paralisa, incapacita e desmotiva no sentido de pensar estratégias a realizar ações com o objetivo de conseguir melhores condições de vida “ (Ibidem, 2009).

Diante deste quadro, optou-se pela escolha da Associação Cultural União de Bairros do bairro Jardim d’Abril como possível espaço de articulação com a comunidade.

Nesta associação são oferecidas algumas atividades

culturais, educacionais, recreativas, festivas, organizadas pelos próprios moradores do bairro.

Os integrantes que participaram desta oficina eram crianças de 2 a 14 anos de idade. Também se buscou dialogar com jovens e adultos da região que tivessem interesse pela atividade, com o propósito de se tornarem multiplicadores dos conhecimentos adquiridos e assim ampliar os espaços de brincadeira na comunidade.

As oficinas aconteceram semanalmente, com duração de 3 horas. Participava dos grupos uma média de 10 crianças por encontro. A presença era livre e espontânea, o que justificava a variação do número de presentes.

Foi realizado um diário de campo onde eram registrados, a cada dia: número de participantes; brinquedos e/ou jogos confeccionados; materiais utilizados; brincadeiras vivenciadas; observações sobre a dinâmica do grupo como envolvimento das crianças com a atividade; temas conversados; cooperação entre os participantes; interação entre crianças e adultos e as repercussões junto à comunidade. Foram feitos, também, registros fotográficos e elaborado um vídeo.

O trabalho junto às crianças foi realizado de agosto a dezembro de 2009. Os meses de fevereiro a junho de 2010 foram dedicados à produção de um vídeo sobre o trabalho, oferecimento de oficina sobre o tema aos usuários e técnicos do Centro de Convivência do Parque Previdência do Município de São Paulo, elaboração de relatório final e produção de artigo.

A OFICINA: Relato de experiência

Para o desenvolvimento da oficina foi necessário, inicialmente, realizarmos um trabalho de reconhecimento da região e divulgação da proposta. Para tanto, nos primeiros dias, entramos em contato com as escolas municipais de educação infantil e ensino fundamental do bairro (EMEI e EMEF); com um morador da região responsável pela coleta do lixo reciclável; com profissionais da UBS Jardim d’Abril (Unidade Básica de Saúde); e com o Instituto André Franco Vive, uma organização civil de interesse público para o apoio e educação de crianças e jovens desta comunidade.

Pretendíamos com esta proposta usar os recursos presentes na comunidade. Isto era feito aproveitando e dialogando saberes das pessoas que viviam naquela região, com o material facilmente disponível na comunidade (a sucata) que as crianças traziam para oficina.

O início do grupo constituiu-se pela organização do espaço e encontro com as crianças. Levamos, primeiramente, brinquedos e jogos feitos de material reciclado, construídos pelos estudantes de Terapia Ocupacional da USP durante a

disciplina Atividades e Recursos Terapêuticos - Atividade Lúdica para que as crianças pudessem conhecer as possibilidades de transformar a sucata em objetos lúdicos. Esses brinquedos já prontos serviram para facilitar a integração entre todos os participantes do grupo, e também como referência para novas criações e novos fazeres. Retomando as palavras de Winnicott (1975, p.138), “em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição”.

Nossa chegada na Associação foi se consolidando a cada dia. No início, foi necessária a construção conjunta de um lugar para nós (coordenadores e crianças) no tempo e no espaço físico, a fim de nos apropriarmos do espaço.

Aos poucos este lugar foi sendo fortalecido e construído, a divulgação era feita pelas próprias crianças que traziam amigos, irmãos e primos. Algumas crianças vinham de vez em quando, outras eram constantes.

As sextas-feiras se tornaram o dia da “Oficina de brincadeiras” na Associação. Algumas crianças esperavam no portão ansiosamente pela nossa chegada. Criou-se na sala um cantinho onde colocávamos a sucata que cada um trazia. Primeiramente este espaço estava desorganizado, mas depois confeccionamos, conjuntamente, caixas personalizadas de acordo com o material a ser guardado: papelão e jornal, plástico e metal. Em outro canto ficavam os brinquedos já feitos. E em um armário eram guardados lápis, fita adesiva, tinta, cola, tesoura, tecido, folha sulfite, barbante etc. que eram utilizados para a confecção dos brinquedos. A sala ganhava vida com todos aqueles materiais espalhados, crianças e adultos interagindo, conversando, fazendo brinquedos, criando uma ambientação de afeto, convivência e produção de vida.

Esse processo se tornou importante, pois colocava também as crianças como criadoras da oficina. O lugar foi assumido com responsabilidade por todos que participavam desta proposta e, por isso, cuidávamos dos brinquedos feitos e também da sala. Neste momento entravam em ação vassouras, panos de chão e muita água para colocar em ordem toda aquela bagunça criativa, pois ao final de cada manhã tínhamos que deixar o espaço em condições apropriadas para que outras atividades pudessem acontecer na Associação.

O experimentar uma brincadeira, ver as possibilidades da sucata e a apropriação do espaço, possibilitou a vontade de querer criar jogos e brinquedos, ampliando o campo da ludicidade e criatividade.

Assim, ao mesmo tempo em que a brincadeira ia acontecendo e os vínculos se fortalecendo, fomentava-se um outro olhar para aquilo que era considerado lixo, um ressignificar do objeto-sucata. O jornal disponível virou

bola, malabares, espada; as caixas de papelão tornaram-se cenário para representações improvisadas, televisão, maquetes; as garrafas pet transformaram-se em pegbol, vai-vem, bilboquê, boliche; retalhos de tecido eram usados como cobertores ou roupinhas para as bonecas ou fantasias. Casinhas de boneca feitas com caixas, papelão, tampas, pratos foram construídas pelas crianças, que se dedicaram durante semanas. Muitos projetos eram abandonados, dando lugar a outros e muitos continuaram durante semanas e as criações geravam interações e situações de conflito, de cooperação, de troca de saberes e afetos.

Algumas crianças pareciam ter uma maior facilidade na criação, outras necessitavam de incentivo para criar. Levamos diversos brinquedos construídos com materiais reciclados como twister, tiro ao alvo, bonecos, casinha de boneca, jogo da memória, dominó, damas, na tentativa de inspirá-los, de dar idéias, de incentivá-los à criação.

Foi ficando evidente a importância do acolhimento do gesto criativo e apropriação da proposta e do espaço por parte dos participantes para que o fazer emergisse. Crianças e adultos ficaram livres para criar e transformar e sentiram-se a vontade para isso.

É neste âmbito que se desenvolve a idéia de Winnicott (1975) de *holding*, ou apoio, o estar-junto, uma sustentação pela presença física e emocional que somente a relação vincular pode estabelecer (CASTRO, 2005). Por esta razão, não é efetivo apenas dispor de um espaço com brinquedos, de espaços de brincar disciplinadores e controlados por adultos; é necessário acolher o gesto criativo de forma que permita ao sujeito mostrar sua presença, sua capacidade de sentir-se vivo, real e atuante, para transformar o mundo e a si mesmo (JURDI, 2009).

Vários momentos e atividades foram marcantes nesse processo. Um deles foi a realização de uma peça de teatro, proposto pelas próprias crianças. A princípio seria um teatro de bonecos, para o qual foram confeccionadas várias marionetes feitas de bolas de isopor, tecido, palito e barbante e um cenário com sobras de papelão. Ficamos trabalhando na execução destes bonecos e na construção do texto durante algumas semanas.

Mas, como todo processo criativo, a proposta inicial se transformou. A história foi incorporada pelos participantes e eles se tornaram atores. A partir daquilo que estava disponível, as personagens foram criados, e na seqüência a história a ser encenada foi elaborada. Esta teve como temática o lixo e a reciclagem e a possibilidade de confeccionar brinquedos com sucata. As crianças utilizaram aquilo que aprenderam durante o processo das oficinas para montar a peça e apresentar os brinquedos que foram feitos durante a Oficina. Detalhes da história iam mudando

a cada dia, improvisando falas, fantasias, cenários, mas a temática se mantinha.

Entramos em contato com a EMEI que se localizava em frente à Associação, sugerindo a apresentação do teatro às crianças da escola. A idéia foi acolhida pela equipe pedagógica e marcamos a data para apresentação.

No dia, quando chegamos ao pátio da escola, estavam à nossa espera, em torno de 50 crianças, sentadas no chão para assistir a peça. Em um primeiro momento nos assustamos com tanta gente, e ficamos apreensivos com a possibilidade das crianças/atores não atraírem a atenção da platéia e se frustrarem com o resultado da produção. Afinal, tinham investido por várias semanas na produção da peça. Mas para nossa surpresa e admiração o teatro foi assumido com muita responsabilidade por todo grupo, passaram com muita propriedade a mensagem sobre a importância de se reutilizar o lixo reciclável e mostraram várias possibilidades de transformá-lo em brinquedos e jogos. Os alunos da EMEI demonstraram ter se envolvido com a encenação.

Estimuladas pela produção das marionetes, propusemos às crianças, após finalização da atividade do teatro, a construção de bonecos feitos de garrafas plásticas e jornal. A idéia surgiu do encantamento das crianças com alguns bonecos que foram feitos na disciplina de ART-Atividade Lúdica. Convidamos a criadora dos bonecos (aluna do curso de Terapia Ocupacional da USP) para ensinar-lhes a técnica utilizada. Estávamos próximos do Natal e os bonecos foram concluídos e muitos se tornaram Papai Noel.

Para finalizar a Oficina, realizamos uma festa de encerramento. Com bebidas, comidas e, claro, com os jogos e brincadeiras. A festa foi preparada por todos; alguns ficaram na cozinha, outros colocaram a mesa, ou lavaram a louça, e assim todos participaram e contribuíram para a organização desta.

Ao longo da oficina foi possível observar a demanda das crianças por um espaço de brincar, notando-se também a necessidade de espaços acolhedores. A convivência entre coordenadores e crianças possibilitou abordar histórias, que muitas vezes explicitavam situações de vulnerabilidade desta população. Muitas situações cotidianas eram apresentadas no grupo, como brigas familiares, perda de parentes, responsabilidade por tarefas domésticas, como cuidar dos irmãos, estigmatização de certos participantes. Assim, muitos assuntos foram colocados em discussão como família, escola, namoro, sexualidade, religião, profissão, férias, vizinhança, questões conversadas durante todo percurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo esse trabalho observamos a alegria das crianças em criar seus próprios brinquedos, fabricar sua casinha de bonecas, seu jogo, sua própria história, marionetes e outras coisas utilizando jornal, garrafas pet, caixinhas de leite, de remédio, de fósforos ou bombons, retalhos de tecidos ou lã, restos de madeira... As coisas surgiam de suas mãos.

Ficou explícito que quanto mais o indivíduo influi e acompanha o processo de produção de um objeto novo, maior é a efusão de alegria que sente, porque a criação é a manifestação de vida e potência.

Vivemos em uma época de valorização do já pronto, “da moda”, da sofisticação, da corrida contra o tempo, da minimização de energia gasta na realização de uma tarefa, da praticidade, supérfluo e descartável. À medida que o homem se afasta das possibilidades de manipulação dos materiais, se distancia também da capacidade de criação e muda as relações de ação sobre os objetos. E, conseqüentemente, como diz Barthes (1989, p.41), “a criança só pode assumir o papel do proprietário, do utente, e nunca o do criador; ela não inventa o mundo, utiliza-o: os adultos preparam-lhe gestos sem aventura, sem espanto, e sem alegria”. Coloca o sujeito sempre na condição de proprietário dos objetos e não de inventor (MACHADO, 1999).

Sem dúvida, a industrialização é condição do progresso alcançado pela sociedade. Mas esse avanço tecnológico nem sempre é indicador de felicidade. Exige-se um processo de adaptação dos indivíduos ao ritmo imposto por ele mesmo, que o afasta de sua essência: a aptidão de criador. Como reverter esta situação, tendo em vista a importância do ato criativo do brincar?

As crianças ainda conseguem imprimir suas próprias marcas naquilo que está finalizado, com sua força de criação e curiosidade, transformam o que parece acabado em uma constante construção. Mesmo que lhe dêem objetos prontos, ela os desmancha, destrói, para ver de que são feitos e que força estranha os anima. Se a criança fabrica o seu brinquedo, ela se torna autora e dona dele; ela lhe imprime sua intenção e seu desejo, isto é, constrói o que necessita. O importante do brinquedo não é o objeto em si, mas sim o que ele provoca e evoca, isto é, a possibilidade de gerar campos de brincadeiras.

Neste contexto, entram em cena os chamados “materiais de sucata”, que proporcionam deixar a marca de novos sentidos do fazer, gerar diferentes funções aos objetos. Para Machado (1999), a sucata não significa lixo, ferro velho, mas sim objetos que já cumpriram sua primeira função e constituem, agora, em desafios à criação. A sucata traz consigo o elemento de transformação, pois passa a ser

usado fora de seu habitual. É um brinquedo não estruturado em que é preciso haver ação da própria criança para que a brincadeira aconteça.

Neste sentido, este trabalho possibilitou ampliar a sensibilização da população para a questão do meio ambiente, gerou mudanças de comportamento nos diferentes públicos, preparando para uma melhor compreensão dos problemas decorrentes do uso inadequado dos recursos naturais e incentivou hábitos voltados para um novo modelo

de cidadania, utilizando como recurso a atividade lúdica criadora. Além disso, propiciou espaços de brincadeira, de criação e encontro com o outro.

Assim, o objetivo deste trabalho foi atingindo. As crianças nos mostraram que para brincar precisamos de alguns materiais acessíveis a todos, de um ambiente acolhedor e seguro, uma disponibilidade para inventar, desvendar e transformar e enxergar no óbvio e acabado outras possibilidades de fazer.

BUNELLO, M. I. B.; MURASAKI, A. K.; NÓBREGA, J. B. G. A workshop of creation games and toys of scrap with: amplifying spaces of learning, creation and relationship for people in social vulnerability context. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 98-103, jan./abr. 2010.

ABSTRACT: This paper describe the results of a workshop with children in social vulnerability context creating games and toys of scrap at a district of the city of São Paulo. The objects were: to put in practice and to socialize the knowledge accomplished by undergraduate students of the USP Occupational Therapist Course; to offer a place of entertainment and for the creation of ludic objects made with scrap; propitiate the trading and the social interaction based on respect, cooperation and mutual reciprocity; the acceptance of the differences and the ecologic consciousness. At last, we conclude: to play, material availability (like scrap) is necessary to all; a health and safe environment; liberty and disponibility to create, to unveil and transform the made on others possibilities of making.

KEY WORDS: Play and Playthings. Junk. Occupational therapy. Social vulnerability.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRUNELLO, M. I. B. *Ser lúdico: promovendo a qualidade de vida na infância com deficiência*. 2001. Tese (doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CALDEIRA, V. A.; OLIVER, F. C. *A criança com deficiência e as relações interpessoais numa brinquedoteca comunitária*. *Rev. Bras. Crescimento Desenv. Hum.*, São Paulo, v. 17 n. 12, 2007.
- CARVALHO, A.; et al. *Brincar(es)*. Belo Horizonte: UFMG Proesa, 2005.
- CASTRO, E. D. *Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional*. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.16. n.1, p-14-21, j2005.
- HISADA, S. *A utilização de histórias na processo psicoterápico*. Uma proposta winnicottiana. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- JURDI, A. P. S. *A ética do cuidado e do encontro: a possibilidade de construir novas formas de existência a partir de uma brinquedoteca comunitária*. São Paulo. 2009. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- KISHIMOTO, T. M. (org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: PioneiraThomson Learning, 2004 2.
- MACHADO, M. M. *O brinquedo-sucata e a criança*. São Paulo: Loyola, 1999.
- SANTOS, C. A.; MARQUES, E. M.; PFEIFER, L. I. *A brinquedoteca sob a visão da terapia ocupacional: diferentes contextos*. *Cad. Ter. Ocup. UFSCAR*, São Carlos – SP, v. 14, n. 2, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WINNICOTT, D. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.